

## Teoria do Cotidiano e Biblioteconomia

César Augusto Castro

### RESUMO:

CASTRO, C. A. Teoria do Cotidiano e Biblioteconomia. *Transinformação*, v. 7, nº 1/2/3, p. 75 - 84, janeiro/dezembro/1995

*Discute a teoria do cotidiano e sua relevância enquanto metodologia de investigação social e como a mesma pode contribuir para o desvelamento do "Lado de Sombra" da Biblioteconomia.*

**Palavras-Chave:** Teoria do cotidiano/Biblioteconomia; Pesquisa.

### Introdução

---

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a abordagem do cotidiano como uma das maneiras pelas quais se pode compreender o social mais amplo e, evidentemente, as organizações que compõem esse social, como a escola e a biblioteca, sendo esta o nosso foco de atenção. E, principalmente, demonstrar como esta abordagem contribui para explicar o não-dito, o imaginário e os rituais desta organização.

Assim, dar-se-á um panorama das diversas correntes que explicitam esta abordagem, contudo a complexidade da mesma impede-nos de grandes saltos epistemológicos, na medida em que envolve diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Sociologia, Antropologia, Filosofia e Educação. No entanto, trazer esta temática para a Biblioteconomia mostra-se relevante na medida em que questiona os modos pelos quais compreendemos a biblioteca, geralmente sob a ótica das teorias clássicas de investigação (positivismo, funcionalismo). Esta abordagem faz-se presente em pesquisas nas áreas de Educação, Comunicação dentre outras e na Biblioteconomia ainda é, parece-nos, desconhecida. Sendo pretensão deste artigo a abertura de um debate que esperamos encontrar ressonância em outros pesquisadores.

## A Repetição dos Atos da Vida

---

No tempo das 24 horas, tudo acontece: a dor, a morte, a violência, como também a paixão, o amor, o lazer, ou seja, na vida cotidiana não é tudo ou nada ela acontece e dinamiza-se na sua recursividade. HELLER (1992, p.17) afirma que na vida cotidiana o homem coloca para funcionar "... todos seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias". Portanto, é no dia-a-dia que os homens exercem dos atos mais simples, como acordar, ao mais complexo, como lidar com o sentimento da morte.

O banal, o fazer diário, por ser comum não nos deixa ver o **Lado de Sombra**<sup>1</sup>, que esconde o muito e que os nossos olhos absortos com o **Lado Iluminado**<sup>2</sup> não captam.

A abordagem do cotidiano coloca-se como uma maneira de investigação dos pequenos fatos, aquilo que não está na aparência, o não dizível, os nadas dos fatos "... miúdos e obscuros do dia-a-dia, ou dos aspectos tidos como superficiais da existência" (SODRÉ, 1982, p.7-8) a exemplo do "... aperitivo no final da tarde, os rituais do vestuário, os passeios à noite na praça pública, as conversas de bar e os rumores do mercado, todos esses pequenos nadas que materializam a existência e que a inscrevem num lugar são, na verdade, fatores de sociabilidade, podendo-se mesmo dizer que através do seu aspecto anódino, produzem sua intensidade (MAFFESOLI, 1984, p.58).

No entanto, o embevecimento do indivíduo pela vida cotidiana, i.e., quando não percebe a centralidade subterrânea, pode levá-lo à alienação, entendida como a não percepção do dia do senhor ou "realidade sem verdade" na afirmação de LEFEVRE (1976, p.20). E cabe, aqui, definir a diferença entre cotidiano e cotidianidade. JAVEAU (1985, p.7) afirma que, por abuso de linguagem, o termo cotidiano é freqüentemente definido por cotidianidade. Para este autor, cotidianidade corresponde aos diversos processos de alienação, compreendido como o espaço vazio de sentidos, ou de

---

1 Segundo Maffesoli o lado de sombra corresponde àquilo que está escondido, não é captado em uma primeira leitura e não é quantificável. Esse lado de sombra é feito de múltiplas situações e práticas, que é o lugar da conservação de cada indivíduo e da espécie.

2 O lado iluminado corresponde ao aparente, ao que pode ser facilmente verificado e santificado que é o objeto de vestígio de todos os especialistas em planejamento ou pesquisa.

"somadas de insignificações" (LEFEVRE, 1976, p.65). Ao contrário, cotidiano é o locus de criação ou de perpetuações de todas as significações. Neste sentido, a vida cotidiana está no centro do acontecer histórico com a sua rotina, seu fazer diário, sua efervescência, desordens e desigualdades sociais (HELLER, 1992, p.8).

A teoria do cotidiano, enquanto modo de apreensão do social mais amplo, originou-se das crises dos paradigmas clássicos de investigações sociológicas, que gradualmente foram perdendo a capacidade de explicar a realidade que é complexa e heterogênea (TEIXEIRA, 1991, p.9), a exemplo do marxismo ortodoxo, positivismo e funcionalismo.

Em sendo assim, o cotidiano pode ser estudado através de diversas correntes: macrosociológicas que não consideram o cotidiano como uma categoria distinta do social e as microsociológicas que privilegiam o estudo do sujeito individual e dos pequenos grupos (TEIXEIRA, 1988, p.40). Na primeira, insere-se a teoria neo-marxista ou crítica, centrada em H. LEFEVRE, LUCKACS, A. HELLER e HABERMAS, que de acordo com BOVONE (1992, p.266) fazem uso dos principais elementos do aparato conceitual de Marx e partem da idéia de que o desenvolvimento histórico e econômico só poderão ser entendidos a partir da heterogeneidade da ação na cotidianidade (espaço vazio de sentido, da alienação) e que, através da crítica à vida cotidiana, pode-se transformar a realidade social. Na segunda categoria, as microsociológicas incluem-se as abordagens, a Fenomenológica e as Sócio-Antropológicas. A Fenomenológica tem como principais representantes: T. LUCKMAN, E. GOFFMAN, GARFINKEL, SIMMEL e SCHUTZ. Esta abordagem centra-se nas análises das construções simbólicas e nas relações intersubjetivas: "Partem da concepção de que a sociedade é uma construção em círculos concêntricos a partir das interações simples, e consideram a vida cotidiana como o âmbito no qual se cria e se compreende o sentido do social" (TEIXEIRA, 1991, p.11). A abordagem Sócio-Antropológica considera o cotidiano como o lugar privilegiado de averigação social, pois é nele onde tudo acontece. Seu foco de atenção está nos pequenos fatos, nos gestos, no imaginário e rituais, ou seja, naquilo que as teorias clássicas de investigação não levam em conta quando da análise do social. Os autores mais representativos desta abordagem são: MICHEL MAFFESOLI, C. JAVEAU, CECÍLIA TEIXEIRA e PAULA CARVALHO.

**Quadro 1:** Categoria de Análise do Cotidiano

Aspectos	1 - Cotidiano	2 - Não Cotidiano	3 - Sentido de tipo cognitivo emergente na cidadianidade	4 - Sentido de tipo ético emergente na cotidianidade
Haberman	Lebenswelt, âmbito do agir comunitário	Sistema, âmbito do agir estratégico	Comunicação	Construção dos valores
Heller	Atividades para a reprodução individual	Atividades gerais conscientes	(Consciência)	Emergência de necessidades radicais
Schutz	Mundo "dado por suposto"	Outros domínios finitos de significação (ciência, religião, locura)	Senso comum, aceitação imediata e partilhada de significados	
Berger e Luckman	Realidade dada por excelência "dada como suposta"	Irrealidade (sonho, locuras)	Conhecimento não reflexivo	
Ardigo	Mundo vital (particular)	Sistema	Compreensão recíproca	Normatização autônoma
Goffman	Representações		Competência	
Garfinkel	Mundo "dado como suposto"		Reflexividade, reconstrução posterior dos significados	

Fonte: BOVONE, L. Teoria do Cotidiano... 1992. p.275-276

Em se tratando de MAFFESOLI, este autor compreende a vida cotidiana a partir da Antropologia do Imaginário de DURAND, através da noção de Circuito Antropológico, entendido como as permanentes trocas existentes no nível do imaginário "... entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações que emanam do meio cósmico e social" (MAFFE-SOLI, 1986, p.326). O imaginário ainda não é um conceito muito aceito nas ciências sociais que não reconhecem o seu valor heurístico. Para DURAND, o imaginário é o fundamento fundante onde se constrói toda a concepção de homem, de mundo, de sociedade, dando conta, por isso, da relação indivíduo/sociedade e natureza/cultura (TEIXEIRA, 1994, p8). E, ainda, MAF-

FESOLI centra o seu pensamento sobre a vida cotidiana na Antropologia da Complexidade de MORIN.

Para MAFFESOLI a abordagem do cotidiano como uma perspectiva de desvelamento dá-se a partir de três pontos: o primeiro que consiste em não separar o objeto pesquisado do pesquisador social, este: "Já não é quem dita de maneira dominante, o verdadeiro e o falso, ou edita o que deve ser a sociedade" (MAFFESOLI, 1984, p.7), como ocorre nos modelos clássicos de investigação da realidade. Este novo paradigma de investigação do social procura encontrar no banal, na "comédia dos cem atos diversos", (segundo expressão de JAVEAU), nos pequenos relatos com a sua polissemia construída de sombras e luzes (TEIXEIRA, 1990, p.103), novas formas de interpretação do social e das organizações que o constitui: a igreja, a escola e, em nosso caso, a biblioteca.

Este modo de investigar o social mais amplo desconfia do aparente, do claro, do dito, pois trata-se de uma revolução bastante delicada para os intelectuais impregnados de moralismos, contudo é uma revolução necessária, caso se queira dispor da possibilidade de apreender o que MAFFESOLI chama de "imoralismo ético de toda sociedade" (1984, p.7). Portanto, exige do pesquisador mudanças de atitudes diante da vida social, no modo como constrói o saber, na sua maneira de intervenção que não ocorre somente a partir de um ponto de vista teórico, mas este materializa-se recursivamente com a prática, na relação que faz entre os "nadas" (gestos, rituais, mitos) possibilitando, a partir daí, uma compreensão mais ampla do homem/mundo e natureza/cultura.

O segundo ponto destacado por este autor é a possibilidade de romper com o burguesismo (capitalismo, socialismo) das investigações sociológicas, mas ao contrário "... num misto de sentimentos, paixões, imagens, diferenças que incita a relativizar as certezas estabelecidas (religiosas, políticas, teóricas) e remete a uma multiplicidade de experiências" (MAFFESOLI, 1986, p.7). E, por último, MAFFESOLI afirma que por traz da aparência, do que nos é dado a conhecer, existe muitos outros aspectos que estão no âmbito da centralidade subterrânea, a "temática do cotidiano exige uma audácia do pensamento de modo a romper o fechamento da lógica político-econômica, sempre presente no fundo de nossas análises" (MAFFESOLI, 1986, p.8). Contudo, não descarta o político e o econômico quando da análise do social, que não "... passam de esqueletos, cuja consistência é fornecida pela paixão, que possui uma importância fundamental nos jogos de todas as organizações sociais" (TEIXEIRA, 1988 p.98)

Como qualquer instrumento metodológico a teoria do cotidiano é criticada, principalmente, por aqueles pesquisadores que se formaram nas vertentes clássicas de investigação social (e aqueles criticam estes), que alegam a falta de metodologias adequadas, devido à imprecisão para estabelecer relações entre os níveis micro e macroestruturais e, ainda, por fazer análise no nível micro, acaba por oferecer uma visão redutora e simplificadora da realidade (TEIXEIRA, 1991, p. 10).

## **A Pesquisa do Cotidiano e a Biblioteca**

---

Os estudos/pesquisas no campo da Biblioteconomia, comumente, retratam o aparente, o dizível, enfim o lado iluminado. Contudo, o que está obscuro, envolto em névoas não nos é dado a conhecer: o imaginário, os mitos, os ritos que permeiam a biblioteca e os modos de ser e do fazer do bibliotecário.

O desvelamento do social mais amplo não emerge das profundezas, acredito, pela maneira como tentamos investigar essa organização, que é complexa e que traz em si um conjunto de simbologias, de representações, de teatralidades cotidianas, de "... minúsculas situações e práticas da vida cotidiana, o lado de sombra do social, onde se dá a conservação de cada indivíduo e da espécie" (TEIXEIRA, 1990, p.98). As maneiras pelas quais procuramos compreender o cotidiano na biblioteca são feitos sob a ótica da racionalidade científica, sejam elas de natureza positivista ou funcionalista, portanto, estudamos "... os fenômenos sociais como se fossem fenômenos naturais, ou seja, para conceber os fatos sociais, como coisas [...] é necessário reduzir os fatos sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis" (SANTOS, 1988, p.52): estudos de usuário (adulto, criança, (não)leitores), da coleção (obras raras, periódicos, livros), dentre outros.

SANTOS afirma que este modelo clássico de fazer ciência do tipo causa formal dá relevância ao modo como funcionam as coisas ou qual o fim das coisas (1988, p.57), desta forma, produz: "Um conhecimento baseado na formulação de leis que tem como pressuposto metateórico a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, a idéia de que o passado se repete no presente" (SANTOS, 1988, p.51).

Portanto, esse método cartesiano de pesquisa que predominou nas outras ciências sociais até pouco tempo, na Biblioteconomia ainda per-

manece (salvo algumas exceções). Pesquisas que procuram responder: uso ou não da coleção, grau de (in)satisfação dos leitores, impacto da automação na biblioteca dentre várias outras que procuram medir graus de eficiência dos serviços ou da necessidade de adaptação/criação de outros. Após exaustivas buscas de argumentações na literatura, o pesquisador - bibliotecário justifica o seu problema e analisa quantitativamente os dados e finaliza emitindo inúmeras sugestões do tipo "deve ser". Deste modo, a pesquisa restringe-se na descrição/análise de uma situação-problema sem, contudo, adentrarmos na sua essência, nos aspectos não ditos: os conflitos, as tensões entre os atores-bibliotecários e leitores, os aspectos cênicos desta relação, isto é, no modo como o bibliotecário representa seu papel diante do leitor, vice-versa; o impacto das novas tecnologias no imaginário dos bibliotecários e, ainda, o burlesco, o fictício, o fantástico, o trágico, os mitos, os rituais, que estão nas pequenas atitudes cotidianas nas bibliotecas, dentre outras nas maneiras como: negociamos a informação com os leitores, emprestamos livros, realizamos as atividades técnicas, na relação bibliotecário x bibliotecário, na organização do acervo, na disposição dos equipamentos, nas normas e regras pré-estabelecidas.

MOSTAFA, LIMA e MARANON (1992, p.216-217) afirmam que as pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação estão impregnadas de referências funcionalistas e behavioristas: "O senso comum das pesquisas define escalas e questionários/entrevistas ou grupos de controle e experimentais para medir o comportamento, seja o comportamento verbal como as opiniões, seja o comportamento dos atos. Uma vez medido, ele é contrastado com outras opiniões (venham de reflexões, venham de onde vier). O conhecimento dessas opiniões dá mais algumas conclusões, mas tudo isso é realizado de forma mecânica, sem o quesito da historicidade - donde o impasse da incompreensão e o conseqüente moralismo das recomendações para que se façam mais pesquisas naqueles pontos que ficaram obscuros. Ou, então, quando o comportamento não se encaixa no modelo anteriormente teorizado, é o comportamento que precisa de redirecionamento, mas a teoria não, donde o autoritarismo da autoconsciência teórica das ciências. Os empíricos-analíticos envelhecem a história incessantemente para assim atualizar a ciência".

O paradigma da simplificação que predomina nas pesquisas em Biblioteconomia "... elimina a contradição quando separa a realidade em fragmentos que são, então, isolados. Desta forma, a lógica funciona perfeitamente sob as proposições isoladas, suficientemente abstratas para não

serem contaminadas pelo real, mas que, por isso mesmo, permitem as apropriações sobre o real, fragmento por fragmento" (TEIXEIRA, 1990, p.27). Este paradigma, segundo CARVALHO (1986, p.118), constitui-se em um princípio redutor do conhecimento e das organizações, ao mesmo tempo em que faz uma separação entre o sujeito do objeto investigado. Contrariamente a este paradigma, o paradigma da complexidade propicia uma visão ampla do universo (físico, biológico e antro-po-social) e, para tanto, a interação entre os sujeitos da investigação constitui-se em uma relação simbiótica, de trocas de saberes onde cada um desvela-se para conhecer a realidade em toda a sua dimensão, complexidade e recursivamente sua simplicidade.

Em torno desta abordagem, a Biblioteconomia poderá investigar o social mais amplo na medida em que não subsista suas partes e nem reduza o usuário a um objeto-problema a ser investigado isoladamente distorcido dos fatos simples, banais do seu cotidiano. E, ainda, por possibilitar à análise das inter-relações entre atores, bibliotecários - leitores que é sempre compreendida pela lógica do "deve ser", invalidando ao que Maffesoli chama de respiração social, isto é, "... uma atitude que possibilite integrar a multiplicidade dos elementos que compõem uma sociedade" (TEIXEIRA, 1990, p.100) e suas organizações.

A teoria do cotidiano mostra-se como uma metodologia para conhecermos a biblioteca a partir do seu dia-a-dia, que é carregado de práticas, normas, regras e relações que escondem minúcias que não conseguimos compreender no todo, provavelmente pela forma como averiguamos o dito, o aparente, o "Lado Iluminado", ficando as ações minúsculas que ocorrem no seu interior em nível da sombra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BOVONE, L. Teoria da cotidianidade: busca de sentido de negação ou negação de sentido? *Rev. Fac. Educação, São Paulo*, v.18, n.2, p.264-282, jul./dez. 1992.
- CARVALHO, José Carlos de Paula. Três conferências sobre o imaginário social e a cotidianidade. São Paulo, *R. Fac. Educ.*, v.12, n.1/2, p177-191, jan./dez. 1986.



- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 120p.
- JANEAU, Claude. La thématique du quotidien. **Revue des Sciences Humanes et Sociétés**, v.1, n.3, p.7-9, 1985.
- KUNH, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1994, 257p.
- LEFEVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1976, 215p.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, 157p.
- \_\_\_\_\_. A superação do indivíduo. São Paulo, **R. Fac. Educ.**, v.12, n.1/2, p.325-353, jan./dez.1986.
- MOSTAFA, Solange P.; LIMA, Ademir B. A. de; MARANON, Eduardo I. Paradigmas Teóricos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v.21, n.3, p.216-222, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um estudo sobre as ciências na transição para um ciência pós-moderna. São Paulo, **Estudos Avançados**, v.2, n.2, p.47-71, maio/ago.1988.
- SODRÉ, Muniz. Apresentação. In: MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Vértice, p.7-8, p.159.
- TEIXEIRA, Maria Cecília S. **Antropologia, Cotidiano e Educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 206p.
- \_\_\_\_\_. As sociologias do cotidiano e a Educação: a abordagem de Michel Maffesoli. **Forum Educacional**, Rio de Janeiro, v.12, n.3, p.33-48, jul./set.1988.
- \_\_\_\_\_. Imaginário e educação: as mediações simbólicas no universo das organizações educativas. **Rev. Educ. Pública**, Cuiabá, v.3, n.4, p.7-19, jul./dez.1994.
- \_\_\_\_\_. O conceito de cotidiano: um instrumento metodológico ou um modismo? **Contexto e Educação**, Ijuí, v.6, n.22, p.9-13, abr./jun.1991.

**ABSTRACT:**

CASTRO, C. A. Theory of Quotidian and Librarianship. *Transinformação*, v. 7, n° 1/2/3, p. 75 - 84, janeiro/dezembro/1995

*Discusses the theory of the quotidian and it's relevance as a methodology of social investigation and how it can contribute to the development of shadow side of librarianship*

**Key words:** Theory of Quotidian/Librarianship; Research.